



REFLETINDO SOBRE AS VERDADES NO ESPAÇO TEMPO DA SALA DE AULA

André Luis Castro de Freitas¹

Luciane Albernaz de Araujo Freitas²

Ensino Superior no Brasil

Resumo

Este artigo tem por objetivo problematizar a educação, no ensino superior, partindo da hipótese da dificuldade para aceitação de uma nova proposta de relações, principalmente no que tange as atividades no espaço tempo da sala de aula. Tem-se por meta propor uma reflexão a cerca de uma relação educacional intuitiva, processual e relacional no cotidiano da academia. Far-se-á um recorte na análise dos dados, principalmente, no que tange ao estudo das verdades e certezas. Os dados foram elaborados a partir de questionamentos e relatos de uma turma de estudantes calouros do curso de Sistemas de Informação, da Universidade Federal do Rio Grande. Estes dados estão vinculados a projeto de pesquisa junto à atividade de integração curricular proposta no curso.

Palavras-chave: Formação de Professores. Cuidado com a Verdade. Integração Curricular.

Summary

This article aims to discuss the higher education assuming the difficulty for acceptance of a proposed new relationship, especially regarding the activities in the classroom. It has been a goal to offer a reflection about an educational relationship intuitive, procedural and relational in everyday academy. Far will be a cut in the analysis data, especially in regard to the study of the truths and certainties. The data have been compiled from inquiries and reports of beginner student classroom of the Information Systems course, Universidade Federal do Rio Grande. These data are linked to a research project with the activity proposed in the integration curriculum.

Keywords: Teacher Education. Care the Truth. Integration Curriculum.

Introdução

A busca por compreender os fatores que envolvem a vida foi sempre foco de interesse do homem. Com as ideias iluministas ele passou a apostar na racionalidade humana acreditando que como sujeito de conhecimento desvelaria as verdades, e por consequência alcançaria o tão almejado domínio da natureza. Assim os sistemas filosóficos tradicionais têm a verdade como estando acima dos acontecimentos

históricos, como algo inalterável. Dentro desta premissa estruturou-se o pensamento ocidental com seus valores éticos. Tal perspectiva esta entranhada na forma de ser e pensar do homem moderno.

Esta verdade inalterável e universal é negada por Michel Foucault (2010). O autor por não acreditar na vinculação tradicional entre sujeito e conhecimento da verdade aposta na articulação entre práticas históricas, sejam elas discursivas, sociais e de si, e a produção de verdade. Em sua concepção a verdade está relacionada a um dado acontecimento. Assim, algo para ser instituído como verdadeiro, necessariamente foi produzido como acontecimento em espaço e tempo determinados, o que faz a verdade não contínua, tornando-a difusa e não universal.

A verdade na concepção filosófica do pensamento ocidental é caracterizada como uma ferramenta que desvela e apresenta ao sujeito seus direitos e deveres em relação à ética, sendo pensada como universal e imutável excluindo a filosofia das circunstâncias históricas e das conjunturas do presente. Este antagonismo de pensamento se evidencia na medida em que para Foucault a verdade dentro da história do pensamento é transposta e modificada.

“O pensamento tem igualmente uma história: o pensamento é um fato histórico, embora tenha outras dimensões além desta. [...] O que procuro fazer é a história das relações que o pensamento mantém com a verdade: a história do pensamento, uma vez que ela é pensamento sobre a verdade. Todos aqueles que dizem que para mim a verdade não existe são mentes simplistas” (Foucault, 2010, p. 241).

Foucault não nega a verdade, porém assume que não há nenhuma essência humana, assim como não existe nenhuma verdade transcendente, pois toda hermenêutica pressupõe uma verdade a ser mostrada por um suposto saber estabelecido em um tempo específico.

Negar a constância das verdades é tarefa desafiadora, tendo em vista que como sujeito moderno as certezas são o sustentáculo de qualquer caminhada.

Ao trazer para foco de análise a educação, mais precisamente a educação superior, percebe-se a força da lógica dessas certezas imutáveis. Isto é identificável a partir dos questionamentos: o que a maioria dos estudantes busca em seus cursos? O que esperam ao cursar cada disciplina? Não é apropriar-se do conjunto de verdades, de responsabilidade de cada disciplina, que darão suporte a construção do profissional que almejam tornar-se e, quem sabe por meio de seu conhecimento científico contribuir para

a descoberta e comprovação de outras verdades?

Percebe-se que a educação superior esta impregnada da lógica das certezas. Sua organização disciplinar além de fragmentada é perpassada por verdades absolutas criadas a partir de uma identidade cultural, conseqüentemente excludente. Segundo Candiotto:

“[...] ao vislumbrar o acontecimento da verdade e seus desdobramentos para as ciências humanas, nota-se que aquilo qualificado como verdadeiro é produzido para justificar racionalmente uma identidade cultural e que, no entanto, só tem sido possível excluindo o diferente, condenando-o à reclusão e ao esquecimento” (2007, p.215).

Sem perder de vista o cenário exposto foi experienciado no cotidiano acadêmico formas de valorizar e possibilitar a convivência no espaço tempo da sala de aula como um caminho para existencializar o conhecer/viver, assumindo a cultura como uma das dimensões do convívio, com a relativização das certezas. Paralelamente a este movimento os estudantes foram instigados a refletir a cerca da prática proposta, a partir de seus posicionamentos sobre certeza e verdade.

Este ensaio apresenta a análise dos relatos dos estudantes, não preocupado com as convergências entre as respostas e sim valorizando a diversidade. Para Foucault a riqueza da análise está na diversidade de reações surgidas.

“Se verdadeiramente procurei analisar as mudanças em meus livros, não foi para encontrar suas causas materiais, mas para mostrar a interação entre diversos fatores e a maneira como os indivíduos reagem. Acredito na liberdade dos indivíduos. Diante da mesma situação, as pessoas reagem de maneira muito diferente” (Foucault, 2010, p.299).

Este artigo está assim organizado: *problematização* espaço onde serão trazidas argumentações que buscam relacionar a especialização do saber e a aceitação das verdades como imutáveis; *referencial teórico* momento em que se busca, por meio do pensamento de Michel Foucault, subsídios teóricos que permitam estabelecer relações para análise dos dados; *metodologia* aqui apresentam-se os encaminhamentos utilizados para a condução da pesquisa. Após seguem a *análises dos dados e considerações finais*.

1. Problematização

Para Sílvia Gallo (2008) todo o conhecimento construído ao longo da história da humanidade, desde a tecnologia escrita, está fundamentado no processo de interpretação

da realidade, e tem por objetivo buscar incessantemente a verdade.

Na atualidade há uma excessiva compartimentalização do saber. As disciplinas, na organização curricular, apresentam realidades estanques e, em geral, sem interconexão, dificultando a percepção do conhecimento como rizoma.

“Sabe-se que o século XIX foi marcado pela expansão do trabalho científico. As tecnologias de pesquisas em todos os domínios se enriqueceram prodigiosamente, acompanhadas, em contrapartida, pela multiplicação de abordagens: o tempo dos especialistas chegou e com ele a fragmentação do saber. As certezas se tornaram fatos se impondo fragmentariamente” (Minayo, 1994, ps.45-46).

A especialização do saber acarreta a fragmentação do conhecimento, onde cada área enclausura-se sem permitir o estabelecimento de ramificações que necessitam estar para além de suas fronteiras.

Esta prática, de fronteiras bem delimitadas, afirma-se na concepção de que decompor o todo em partes facilita a aquisição dos saberes, percebendo o todo como a simples soma das partes. Esta concepção que acaba por promover a cristalização dos currículos traz em seu cerne a mesma lógica disciplinar que a muito se vivencia em instituições chamadas por Foucault de instituições de sequestro. Esta lógica tem por base o esquadramento, com objetivo de controle. Assim posto o controle pode dar-se sobre o saber ou sobre os indivíduos.

“O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto mais é útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadra, o desarticula e o recompõe” (Foucault, 2009a, p.133).

Neste sentido, é possível pensar a academia como produzida por uma sociedade na qual se insere como também pensá-la como produtora dessa mesma sociedade.

“Ao longo da Modernidade, a escola estabeleceu-se como uma grande maquinaria social e cultural, ou seja, como um grande conjunto de ‘máquinas’ que, operando articuladamente entre si, desempenharam um papel crucial para a formação política, cultural e econômica da sociedade ocidental. Essa maquinaria, além de inventar espaços específicos para a educação das crianças e dos jovens, foi decisiva para a invenção de saberes e seus respectivos especialistas,

encarregados de dizer como educar, ensinar, vigiar e regular essas crianças e esses jovens” (Veiga-Neto, 2008, p.142).

A estrutura acadêmica está organizada sobre essa compartimentalização. Nesta perspectiva, o professor torna-se um repositório especializado em uma disciplina, tendo a função de possibilitar o acesso às informações ali contidas, informações estas que por serem consideradas como verdades não possibilitam espaço para a problematização.

A problematização aqui referida vai ao encontro do conceito cunhado por Foucault (2010):

“Problematização não quer dizer representação de um objeto pré-existente, nem tão pouco a criação pelo discurso de um objeto que não existe. É o conjunto das práticas discursivas ou não discursivas que faz alguma coisa entrar no jogo do verdadeiro e do falso e o constitui como objeto para o pensamento (seja sob a forma da reflexão moral, do conhecimento científico, da análise política, etc)” (p.242).

Portanto, tem-se como meta uma proposta de pensar uma educação que possa instigar os envolvidos na compreensão da realidade onde estão inseridos, propiciando condições para que percebam além das estruturas disciplinares. Dentro desta perspectiva propõem-se as seguintes reflexões: É possível aplicar uma nova ordem intuitiva, processual e relacional as atividades em sala de aula? A partir desta nova ordem vislumbra-se uma proposta que supere a histórica compartimentalização do saber?

Algumas hipóteses encaminham o desenvolvimento desta pesquisa:

- os estudantes apresentam experiências de atividades de um ensino conservador e tradicional. Estas experiências compartimentalizam o saber, acarretando um conhecimento fragmentado;
- os sistemas educacionais, em geral, são baseados em princípios de racionalidade instrumental, apresentando a reprodução de valores, verdades absolutas. Para introduzir uma nova cultura, de incertezas, faz-se necessário produzir novas subjetividades;
- os estudantes apresentam fortes restrições a introdução de uma nova ordem intuitiva e relacional, principalmente no que tange ao trabalho com relações emocionadas.

2. Referencial Teórico

Foucault rompe com a concepção clássica de poder, entendendo-o como relacional, ou seja, as ações de uns sobre os outros se dão nas relações. O poder, portanto, é móvel:

“O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como

algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede” (Foucault, 2009, p.183).

O poder articula-se e não exerce um papel puramente repressivo, mas também produtivo. Não há poder único, mas práticas de poder, espalhadas por todas as estruturas sociais por meio de um conjunto de mecanismos, a disciplina.

Foucault (2009a) faz uma análise da sociedade disciplinar, entre os séculos XVII a XVIII os quais enfatiza o surgimento de uma nova regulamentação dos exércitos, escolas, prisões, hospitais e fábricas. Neste momento, a proposta faz-se em tornar o indivíduo útil, dócil e disciplinado por meio do trabalho.

Na visão de Foucault esse tipo específico de poder que se expande por toda a sociedade, investindo sobre as instituições e tomando forma em técnicas de dominação possui uma tecnologia e história específica, pois, atinge o corpo do indivíduo, realizando um controle detalhado e minucioso sobre seus gestos, hábitos, atitudes e comportamento.

“Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as "disciplinas". Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também” (Foucault, 2009a, p.133).

Partindo deste pressuposto, observa-se uma nova concepção de sujeito, formada pela associação dos indivíduos a modelos de docilização e de produtividade, em uma aproximação a idéia de subjetivação e de sujeição ao contrário da idéia de racionalidade, atividade ou soberania a natureza e ao conhecimento.

Neste sentido convive-se, diariamente, com padrões, com formas, caracterizadas como verdades absolutas e que, por fim, são utilizadas como mecanismos de controle e homogeneização.

Percebe-se o quão necessário é para a aceitação social, que aconteça o encaixe perfeito as formas pré-determinadas, como um grande quebra-cabeças. Caso contrário se é sujeito ao sofrer a violência do julgamento por ser diferente. Assim, por muitas vezes, exige-se negar a própria existência para não ser arbitrariamente marginalizado.

Propõe-se um deslocamento para a área da Educação. A escola, típico ambiente disciplinar, apresenta regras e normas a serem cumpridas, devidamente expressas em regimentos, planos de estudos e projetos pedagógicos. Mas existem outras formas disciplinares que não se encontram nos manuais, como por exemplo: um olhar diferenciado do professor, uma batida do apagador no quadro, alguns minutos de atraso para o intervalo, o uso de óculos de sombra em dias de avaliação entre tantas outras formas.

Consideram-se como atitudes, pequenos detalhes, que visam manter o controle sobre os estudantes. Foucault acredita que os detalhes são os princípios de formação da política de controle e utilização dos homens, os quais se desenvolvem desde a era clássica:

“... pequenas astúcias dotadas de um grande poder de difusão, arranjos sutis, de aparência inocente, mas profundamente suspeitos, dispositivos que obedecem a economias inconfessáveis, ou que procuram coerções sem grandeza, são eles entretanto que levaram a mutação do regime punitivo, no limiar da época contemporânea. ... A disciplina é uma anatomia política do detalhe” (Foucault, 2009, p.134).

A atualidade apresenta a transformação deste modelo. De uma sociedade, definida por Foucault como disciplinar para um modelo de sociedade, identificada por Deleuze (1996) como de controle. Crê-se que o momento seja de transição de um modelo a outro. Deixando de viver uma forma de encarceramento para uma espécie de controle aberto e contínuo.

Faz-se oportuno salientar que a sociedade disciplinar não deixou de existir, mas foi expandida para o campo social de produção. Foucault afirma que a disciplina é interiorizada e exercida, basicamente, por três meios globais absolutos: o medo, o julgamento e a destruição. Assim as instituições sociais, na atualidade, produzem indivíduos sociais muito mais moveis e flexíveis que antes.

A transmissão do conhecimento faz sentido na escola para a sociedade disciplinar, pois nela encontra-se o estudante que armazena o conhecimento, gravando e decorando, cumprindo com a função de disciplinamento em relação ao conteúdo, como elemento central.

Por outro lado na sociedade de controle o estudante assume a função de processador da informação, e a escola deverá ajudá-lo a desenvolver habilidades para a elaboração dos processos cognitivos. O conteúdo não é mais apropriação da escola, e do professor, mas é acessado facilmente em decorrência do desenvolvimento das tecnologias e dos sistemas de informação.

3. Metodologia

A pesquisa foi realizada a partir de uma perspectiva qualitativa a qual busca o aprofundamento da compreensão de um fenômeno social pelas análises qualitativas da consciência articulada dos atores envolvidos no fenômeno. Como fonte de informações lançou-se mão: de questionário, relatos elaborados pelos estudantes, individualmente e em grupo, e do diário de campo.

Nesta investigação participaram os estudantes do primeiro ano do curso de Sistemas de Informação, matriculados na disciplina de Atividade de Integração Curricular I, no mês de novembro, de 2010, da Universidade Federal do Rio Grande. Justifica-se a pesquisa com estes estudantes no intuito de problematizar a produção de subjetividades em relação às atividades em sala de aula, com ingressantes no curso.

Fez-se a opção nesta investigação por um processo no qual se busca aprimorar a prática pela oscilação sistemática entre o agir no campo da prática e o investigar a respeito dela. O planejamento, implementação, descrição e avaliação propõem uma modificação na prática ocasionando um aprendizado no decorrer do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação.

Neste sentido este ensaio propõe a técnica de pesquisa ensino abordada por Pentead (2010). Nesta técnica a educação escolar pode ser vista como um processo de comunicação caracterizado pela idéia de ser humano como ser social o que lhe garante a possibilidade de criar cultura. Assim, a modalidade de metodologia comunicacional transforma a sala de aula não só em um espaço de ensino, mas de investigação.

A metodologia comunicacional deve: prever a atuação em parceria entre professor e estudantes, colocando a comunicação como eixo central do objetivo pedagógico; compreender a comunicação escolar como um processo de comunicação específico e aprender e atuar no coletivo e em coletividade, pois é preciso refletir sobre a correspondência entre a atuação individual e a atuação coletiva.

Sob este ponto de vista, a validade da pesquisa concentra-se em permitir a análise em termos da administração reflexiva das opiniões dos estudantes em relação a um processo mais abrangente de análise estrutural.

Como pressupostos básicos, a partir da pesquisa qualitativa aqui proposta, acredita-se: apresentar a descrição e análise dos dados por meio de uma síntese narrativa buscando a compreensão em contextos social e culturalmente específicos.

Quanto ao registro dos dados inicialmente fez-se um reconhecimento no intuito de caracterizar a análise situacional para produzir uma visão do contexto da pesquisa, com as práticas dos estudantes envolvidos. Paralelamente, projetou-se a implementação para a mudança da prática.

As atividades foram realizadas considerando-se um recorte do ensino regular. Fez-se um levantamento das informações e reflexão com os estudantes. Apresentou-se a proposta de pesquisa e suas características junto aos estudantes, bem como, foram explanadas possíveis adequações para que se oportunizasse alcançar os resultados no processo e, ainda, fez-se um forte apelo ao diálogo com discussões sobre o desenvolvimento do trabalho. A análise foi elaborada a partir do questionamento: “Diariamente, em suas atividades, em sala de aula, como é possível lidar com a incerteza?”;

4. Reflexão e Análise

Em um primeiro momento quando se pensou no termo incerteza associou-se o mesmo as rupturas e modificações que hoje surgem nas mais diferentes áreas do conhecimento. Rupturas estas que apresentam grandes modificações nas maneiras de ser, pensar e estar no mundo.

Observa-se, após a leitura dos relatos, que a noção de incerteza que constitui os estudantes é outra:

*“No meu ver temos que interagir com o professor, nossas dúvidas e nossas incertezas tem que ser saciadas pelo professor, mas é claro que o professor não tem que saber tudo, o aluno também tem que buscar outros recursos na sala de aula”,
“Acredito que a única maneira de lidar com incertezas é perguntando, tirando dúvidas seja com o professor ou com os próprios colegas” e
“Com prática e exercícios, com atendimentos e com explicações integradas com o dia a dia”.*

A noção de incerteza dos estudantes remete a dúvida do aprendizado e não ao questionamento sobre as verdades transitórias nas ciências e conhecimento. A idéia de

incerteza reduz-se ao processo de ensino e aprendizagem quando o estudante reflete sobre o quanto está inserido no processo e o quão correto este pode ser desenvolvido.

Não se verifica, pela análise dos dados, a incerteza como pressuposto no questionamento das verdades. Portanto, as verdades são consideradas incontestáveis. Demonstram ter dificuldade de perceber que as verdades são válidas para espaços e tempos determinados, não podendo ser percebidas como universais e incontestáveis.

Percebe-se que para os estudantes o professor é um grande repositório, especializado em uma disciplina, tendo a função de possibilitar o acesso às informações ali contidas, sendo este responsável pela experiência pedagógica, como agente de transmissão do conhecimento.

Outro ponto a ser salientado é que os estudantes assumem o diálogo como processo para estimular a capacidade de pensamento em relação aos sentidos. Este diálogo não é associado a uma reflexão e interação no intuito de estabelecer novas relações e vínculos, mas sim um momento de sanar alguma espécie de problema em relação ao conteúdo.

Levando em consideração a noção de movimento nas relações de poder:

“Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles” (Foucault, 2009, p.183).

É demonstrado, pelos estudantes, o sentimento de contínuo processo de construção, reaprendendo a conhecer e a comunicar. O que pode ser observado nos seguintes relatos:

*“Sempre tenho idéias inovadoras e criatividade, pois sempre haverá incertezas. Também é bom ter um material extra na pasta”,
“É possível pois assim podemos ter uma visão maior de todo o conteúdo assim surgindo dúvidas que podem ser discutidas em aulas com o prof” e
“Tentar manter a calma e sempre que precisar tirar as dúvidas, não ter medo de perguntar e não ter vergonha de tentar aprender”.*

Outro aspecto analisado é a integração do indivíduo aos que o cercam, associado ao desejo de compartilhar suas descobertas, seus afetos e suas necessidades. Mostram-se receptivos ao compartilhamento do desejo, a partir da aprendizagem.

É interessante enfatizar os ensaios sobre a dúvida, sobre os desafios. Claramente a noção de medo apresenta-se nesta realidade. Ao problematizar, os estudantes colocam as certezas e verdades no jogo do verdadeiro e do falso.

“É ruim pois a gente não saber por onde começar se sente meio perdido, mas nos faz pensar”;
“Há dificuldades com a incerteza não há um caminho certo” e
“É bem difícil pois a gente expõe nossas dúvidas diante dos outros”.

Os estudantes demonstram viver em caminhos incertos e duvidosos não só na expressão das subjetividades, mas dos conceitos e idéias.

Alguns relatos remetem a uma educação transmissora, tendo na figura do professor o detentor das verdades. Em contra partida os próprios estudantes percebem-se como indivíduos que nada sabem.

“Sempre fui bem esclarecido pelos professores que mostram completo domínio sobre os conteúdos em seus esclarecimentos” e
“Cabe ao professor disseminar o conhecimento, se ele não consegue fazer isso, acredito que ele não está cumprindo com seu papel”.

Considerações Finais

A partir da pesquisa realizada, em atividades no espaço tempo sala de aula, foram apresentados indícios que demonstram elementos os quais tornam possível exercer as atividades, neste espaço, por meio de uma relação educacional que promova uma ordem intuitiva, processual e relacional.

Resumidamente, durante as atividades, surgiram algumas afirmativas que após a análise dos dados, foram assim elaboradas: os estudantes apresentam a crença nas certezas absolutas, na necessidade de interação, no apelo ao diálogo e, por fim, demonstram o sentimento de recomeço e a insegurança diante de caminhos não definidos.

Observa-se o quão necessário é aprender, pois se vive tempos de incertezas, onde sentimento e razão movimentam-se permanentemente. Acredita-se que os estudantes retratam, em seus relatos, justamente, estas sensações, na tentativa de aprenderem novas maneiras de posicionarem-se frente ao mundo, revendo, constantemente valores e modos de ser.

Ao contrário de dispensar a especificidade pedagógica, a perspectiva aqui apresentada pretende tornar os espaços de educação mais plenos das experiências do conviver.

Finalmente, acredita-se oportuno contrapor parte das hipóteses inicialmente definidas, ou seja, mesmo identificando que os estudantes apresentam experiências de atividades de ensino conservador e tradicional, mesmo verificando que o sistema educacional, em grande parte, é baseado em princípios de racionalidade instrumental, pode-se perceber que os estudantes apresentam um apelo à introdução de uma nova ordem intuitiva e relacional, principalmente, no que tange ao trabalho com relações dialógicas e coletivas.

Referências Bibliográficas

- Candiotto, C. Verdade e Diferença no Pensamento de Michel Foucault. *Kriterion - Revista de Filosofia*. v. 48, n. 115, p. 203-216, jun., 2007.
- Deleuze, G. *Conversaciones*. 2. ed. Valência: Pré-textos, 1996.
- Foucault, M. *Microfísica do Poder*. 27. reimpr. São Paulo: Graal, 2009.
- _____. *Vigiar e Punir*. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2009a.
- _____. *Ditos & Escritos V. Ética, Sexualidade e Política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2010.
- Gallo, S. *Deleuze e a Educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- Lüdke, M.; André, M. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. EPU, São Paulo, 1986.
- Minayo, M.C. Interdisciplinaridade: Funcionalidade ou Utopia? *Saúde e Sociedade*. v. 3, n. 2, p. 42-64, 1994.
- Penteado, H.; Garrido, E. *Pesquisa-Ensino: A Comunicação Escolar na Formação do Professor*. Paulinas, São Paulo, 2010.
- Souza Filho, A. Foucault: O Cuidado de Si e a Liberdade, ou a Liberdade é uma Agonística. *IV Colóquio Internacional Michel Foucault*. Natal, Abr., 2007.
- Veiga-Neto, A. Crise da Modernidade e Inovações Curriculares: da Disciplina para o Controle. *SISIFO – Revista de Ciências da Educação*. n. 7, p. 141-150, set./dez., 2008.

¹ Doutor em Ciência da Computação, professor adjunto do Centro de Ciências Computacionais, Universidade Federal do Rio Grande (FURG), dmtalcf@furg.br. Mestrando em Educação, Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

² Mestre em Desenvolvimento Social, professora do Instituto Federal Sul Rio Grandense (IFSul), luciane@ifsul.edu.br. Doutoranda em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande (FURG).